

ENTRE O RURAL E O URBANO: UMA RELAÇÃO DE TROCA?

CARNEIRO, Edmo das Chagas
Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia
Universidade Estadual de Goiás/Unidade de Goiás
pimpolhovidaloka_775@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A partir da Revolução Industrial, em meados da década de 1760, o campo sofreu uma acelerada perda de população para o espaço urbano. Muitos camponeses migraram do campo para a cidade com intuito buscar uma vida melhor para suas famílias. Este processo se intensificou desde então, sendo que na atualidade a população mundial está concentrada, com poucas exceções, nas áreas urbanas. Nesse contexto, a relação entre campo e cidade, assim como, o discurso científico e político sobre tal relação seguiram diversas perspectivas.

Em algumas passagens o campo foi conceituado, por alguns autores, como algo em processo de desaparecimento. Pelo menos na forma como estava estrutura, na produção camponesa. A partir daí o campo passaria a ser dependente do espaço urbano, ou dos parâmetros capitalistas identificados então com a cidade. As interpretações vão desde o entendimento dicotômico (um campo atrasado e a cidade moderna), passando pela leitura do continuum rural-urbano, até a compreensão da relação campo-cidade como uma unidade contraditória.

Portanto, são amplas as discussões que podem ser levadas em consideração acerca do debate das relações de troca entre o rural e o urbano. Assim, este texto tem como objetivo apresentar algumas considerações e reflexões teóricas acerca da complexa trama que compõe a interação campo-cidade/rural-urbano, assim como, as leituras teóricas, especialmente da geografia, estabelecidas a este respeito. A metodologia tem origem nas discussões realizadas durante a disciplina de Geografia Agrária e na leitura/estudo de outras referências relacionadas à temática.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

De acordo com Maria do Carmo Galvão (2007) percebe-se que na maioria das vezes a cidade assume o papel hegemônico em relação ao campo, dominando através de sua demanda e força atrativa a quantidade, forma e técnica da produção rural. A consequência direta desta relação de subordinação, na maioria das vezes, tem causado entre outros problemas o êxodo rural. Nota-se que o campo, cada dia mais, perde sua população em função da não existência de um projeto para o campo brasileiro que inclua o campesinato com sujeito principal. A escassez de financiamento da produção camponesa, a não realização de reforma agrária, entre outros fatores, dificultam a permanência no campo. Muitos camponeses migram do meio rural para o meio urbano na busca de encontrar na cidade algo que não se tem no campo.

Favoreto (2007) afirma a importância do meio rural, mesmo no processo de revolução industrial e consequente intensificação das cidades, em que argumenta que a primeira fábrica, na Inglaterra foi instalada no meio rural, considerando a abundância de espaço para a sua instalação.

Desde os anos 1980, nos quadros de uma 3ª Revolução industrial, verificou-se uma variação dos termos de troca entre o campo e a cidade, na medida em que ocorreu um deslocamento espacial dos centros dos desenvolvimentos entre espaços inter e Intranacionais (BIAZZO. 2008 p.137)

Várias interpretações têm sido feitas para compreender esta relação. Uma das interpretações mais clássicas que relacionam o campo e a cidade refere-se à leitura dicotômica.

Os estudos sobre relações campo/cidade tiveram maior expressão no âmbito da sociologia, desde as primeiras décadas do século XXI principalmente nos

Estados Unidos. As Primeiras interpretações sobre o tema eram dualistas, colocavam Urbano e Rural como áreas contrapostas, espaços com características próprias e isoladas. (BIAZZO. 2008 p. 135).

Esta interpretação, contudo, empobreceu o estudo da realidade que liga o rural e o urbano. Via de regra, nesta concepção, o campo foi compreendido como um espaço atrasado, que deveria ser construído, a partir da consolidação do capitalismo à imagem da cidade. Principalmente o campo relacionado ao campesinato iria, inevitavelmente, desaparecer, dando lugar a um processo de modernização agrícola, fazendo do campo um espaço com poucas pessoas.

Segundo Veiga (2004), “[...] a cidade demandou por mão de obra qualificada e, com a diminuição de trabalho no campo, ocasionado pela mecanização de agricultura, grande contingente de pessoas migrou do campo na busca de uma renda e qualidade de vida, ou mesmo garantir a própria sobrevivência na cidade”. Este processo decorreu da modernização agrícola, com a chegada dos maquinários e o pacote tecnológico da Revolução Verde. Agora as máquinas eram capazes de fazer o serviço feito por muitos trabalhadores.

Com isto muitos autores fizeram a leitura de que o campo, na forma como conhecemos, iria desaparecer. Outros autores, como Abramovay (2003) e Veiga (2002) apud Biazzo (2008), afirmam que os espaços rurais ou “regiões rurais”, ao contrário do que se pensa, estão longe de ter um fim. Ao mesmo tempo, é defendida a ideia de que se pode atribuir às cidades funções de trabalho e lazer. O campo seria identificado como espaço de liberdade e beleza. Além destas funções simbólicas, o campo se aproximaria da cidade também no aspecto econômico, a partir da produção de alimentos realizada em um dos polos e que serve o outro. Apresenta-se assim, uma interpretação que visualiza a complementaridade entre campo e cidade.



Também no aspecto econômico estes autores visualizam um novo espaço rural, com novas funções e nova relação com a cidade. Assim seriam construídas novas identidades, novas ruralidades e novas urbanidades.

São inúmeros exemplos de novas identidades rurais ou manifestações de Ruralidades encontrados tanto no campo quanto na cidade. Associados a economia seriam a revitalização de Práticas de produção orgânica nas atividades agrárias o turismo rural, em espaços campestres e os mercados Futuros (BIAZZO, 2008, p. 143).

Outra possibilidade interpretativa que busque integrar o rural e o urbano em uma análise, inserida em uma concepção de unidade da diversidade, poderia apresentar explicações mais concretas sobre a relação campo-cidade. A partir de um estudo teórico desta temática, autores como Manuel Correia de Andrade e Maria do Carmo Galvão, notaram que há estreita relação entre o rural e o urbano. Se o campo não produzir compromete-se a divisão social do trabalho gerador da diferenciação rural/urbano. Neste âmbito podemos destacar que o meio rural e o meio urbano são autodependentes e estas fazem por si só o conceito que conhecemos por relações de troca entre o urbano e o rural.

Esta relação, no nosso entendimento, deve visualizar o campo como uma unidade contraditória, sendo que campo e cidade são partes de uma totalidade. Juntos, como uma unidade o rural e o urbano são construídos e desconstruídos de acordo com as demandas e desejos do modo capitalista de produção, atendendo prontamente as necessidades do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entretanto pode-se concluir que os espaços rurais e urbanos passaram e passam por constantes transformações. No que cabe à nossa análise, a relação



urbano/rural, campo/cidade, deve ser entendida como uma unidade contraditória. É certo, ao mesmo tempo, que neste contexto, o contexto capitalista, a cidade tem sido hegemônica no direcionamento do processo de desenvolvimento. Devemos, portanto, pensar esta relação considerando a possibilidade de estabelecimento de um projeto de sociedade que valorize tanto os elementos rurais como urbanos para a superação das desigualdades sociais e construção de uma sociedade menos desigual e mais justa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. A.; RIEDIL, M. (org.). **Turismo Rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru-SP: EDUSC, 2000.
- BIAZZO, P. P. **Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária**. In: IV Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa. São Paulo: ENGRUP, 2008. p. 132-150.
- FAVORETO, A. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão**. São Paulo: FAPESP, 2007.
- GALVÃO, M. C. C. Contribuição ao debate sobre perspectivas teórico-metodológicas para a geografia agrária. **Revista Campo-Território**, v. 2, n. 4, Uberlândia, ago. 2007. p. 5-18.
- VEIGA, J. E. Destinos da ruralidade no processo de globalização. **Revista Estudos Avançados**, v. 18, n. 51. São Paulo, maio/ago. 2004.